

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 58 A - 1.º e 2.º Andar - Telef. 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Canção da Neve

Ao dobrar a última quebra-da, o seu olhar perdeu-se na contemplação voluptuosa das várzeas ao longe, aonde o seu destino o levava e o seu coração pulsaria com mais liberdade, sedento de afectos calmos que em miragem se iam tornando para sempre... Tinha ainda umas boas duas horas de caminhada, e o Sol, naquela áspera tarde de Dezembro, já pouco marchetava de ouro os fragedos da serra, deixando de alourar os lameiros e de pôr palhetas vivas no fiozinho prateado do rio. O vento cortava, prenunciando neve que nas montanhas próximas embelezara os cumes. Mas, alheio ao arauto da tempestade iminente, o homem embestia a vista no panorama extenso, como saudando a Natureza com o seu coração de peregrino a curtir saudades. Aspirou com delícia o perfume que subia dos campos; espreitou os olhos pelas penedias e talvegues, pelos cabeços e recostos, querenoso de sensações novas, descortinando as herdades brancas, pequeninas, pontos luminosos a esmaltar o quasi plúmbeo fundo da serra e a beijá-la em frêmitos de amor sadio. E, quando aos ouvidos lhe chegou a toada de um relógio a cantar as horas, ajoelhou chorando, bemdizendo a sorte que permitira a sua volta a casa, ao lar onde havia pequerruchos morenos e uma alma de mulher a lembrá-lo naquela véspera de Natal...

Meteu por um atalho, monte abaixo, com duplicadas energias e conforto. Não sentia o frio, as agulhas da chuva agreste que eram aviso aos viandantes retardados. Tudo nele era ânsia de chegar cedo, de estreitar a mulher até a maguar, de devorar os pequenos com beijos. Uma voz íntima o impelia e animava; não dava pela fadiga, e a sacola em que na cidade metera lembranças, pouco lhe pesava. De vez em quando, lamentoso, erguia-se o uivar de um cão, grido de morte a ecoar na serra. A saudação do caminhante responderam de uma herdade: — Deus o leve na sua guarda! E seguiram-lhe o vulto com gestos compassivos, como que receando assalto de lobo ou sepultura de neve.

A noite descia muito rápida; e o homem, tropeçando em seixos e calhaus, continuava sempre, sem olhar para trás, dominado pela ideia acariciadora do regresso a casa. As dobras do caminho sucediam-se na mesma monotonia e desolação; os muros, roídos por intempéries de anos e anos, eram muralhas sombrias deixando enxergar figueirais e soutos, vinhas e pomares. E à medida que do vale se aproximava, ia distinguindo o marulhar do rio estrangulado nas azenhas e represas.

Após a descida pelo monte, surgiu-lhe um aglomerado de casas negras, podres de velhice; a escuridão era já profunda, quasi aterradora, e um alarzinho tóxico, de lâmpada de azeite a bruxulear a custo, no ambiente triste, carregava uma tristeza ainda mais confrange-

dora, inquieta e receosa. Perseguiu-se, trémulo. De chofre, lembrou-se das festas do adro da capela, desafios nos lagares de lavradores ricos, arremetidas de brincalhão às cachopas do lugar, sob a inveja de rivais corpulentos e ariscos em questões de camaradagem; do casamento com a sua Maria, num domingo de Agosto claro e buliçoso, com grande jantar, no qual a garrulice da gente môça punha notas límpidas de frescura e alegria; da primeira noite de casados, e, mais tarde, das vigílias junto aos filhos doentes, que dos berços lhes estendiam os rosados braços titubeando pedidos entre lágrimas e sorrisos...

Levantou-se e principiou a trilhar o caminho da aldeia, que teria de atravessar tôda. A meio da rua, um taberneiro fechava as portas quando êle entrou, cumprimentando humildemente, pedindo um cálice de genebra. O seu olhar febril e as mãos roxas de frio chamaram a atenção do vendedor: — Só com grande sacrificio se pode andar lá fora... Você vai para longe?

O outro, limpando os lábios, retorquiu-lhe: — Vou... Talvez uma hora a dar às pernas... Esperam-me...

— Pois vá com Deus; se não tivesse onde pernoitar, oferecia-lhe casa e comida. Em noite de Natal todos os pobres deviam dar agasalho aos mais pobres.

Agradeceu e saiu. Enquanto o vulto se perdia nas trevas, do fundo da venda correu uma mulher que, alvorçada, segredou ao taberneiro:

— Ia quasi jurá-lo: êste homem é o José Gaspar!

— O que matou o Manuel?!...

— Êle todo...

O marido abanou a cabeça, pesaroso: — Não me parece; o José ainda tem uns quatro anos de cadeia mais às costas... Antes fôsse êle, antes fôsse... A desgraça que lhe sucedeu, aconteceria a qualquer outro...

— Pois é êle todo; a pesardede aquelas lindas barbas à S. Pedro, conheci-o logo.

— Mas por que não falou, então?

A mulher encolheu os ombros:

— Talvez fugisse...

— Não será da nossa boca que saberão que êle voltou. Foi sempre homem bom, amigo certo... Má peste foi o outro que está a fazer tejo...

E durante a ceia de festa o coração do casal pediu, intimamente, protecção para o viandante.

Empregando as manhas de caçador furtivo, foi avançando prudentemente até deparar com a casa, pobre moradia honesta, isolada numa clareira vasta que àquela hora parecia lamentar-se sob a neve. Em volta, a floresta semelhava um muro enorme, de uma grandeza sombria, do cimo do qual vinham estridentes gargalhadas de morte que o vento espalhava a flux, entrecortadas por grito de lobo a farejar rebanhos. A tempestade rugia,

e o céu, impiedosamente, deixava tombar a neve em redomoínhos que sibilavam sem interrupção.

O homem, ofegante, mas de alma a lampear esperanças, acercou-se; da pequena janela raios de luz atravessavam a vidraça embaciada, e, vista de longe, a casa era um aviso ao caminhante perdido. Surrateiro, espreitou; o seu coração encheu-se de amor quando distinguiu a família tôda junto à lareira, um pinheirozito com bugigangas, e, no pequenino altar, o seu retrato. Chorou, e os soluços fizeram-lhe esquecer o vendaval, o frio, o medo. Agarrado ao peitoril, sem forças para dar um passo, ficou assim como ladrão espiando; após a crise de lágrimas, dirigiu-se para a porta, mas, quando o seu punho se levantava para bater, deteve-se. De dentro, duas vozes de criança, em pungentes modulações de pesar e saúde, elevavam-se num cântico misterioso de unção e fé religiosa; os versos, de ignorado poeta camponês, eram uma prece ao regresso do ausente e a singela música irradiava harmonia sem par...

Escutou-os, tremendo. Tôda a sua alma estava absorta numa felicidade imensa que ameaçava estoirar-lhe o peito...

Mais tarde, depois da natural confusão das boas-vindas e abraços, José Gaspar, saboreando a modesta ceia do Natal, narra a sua vida de martírio, enquanto fora a neve caía mais de mansinho como que associando-se às carícias prestadas ao peregrino. Contou os horrores do degrêdo, distante de Portugal e da família, ansiando às vezes por morrer para se livrar de tanto inferno; o trabalho penoso para se sustentar, trabalho que lhe debilitara o corpo que, outrora rijo, ameaçava quebrar como pinheiro envôlto em mãos de ciclone; e, por fim, inesperadamente, um indulto que lhe suavizou a amargura do exílio e que lhe trouxe a grande certeza de que regressaria para nunca mais abandonar a sua casinha humilde, radiosa de sonho e de gorjeios das pequeninas aves que embalavam nos seus joelhos...

As crianças, prestes a recolher ao leito, entoaram mais uma vez a canção do ausente, agora plena de amor e risos; e, fora, a neve e o vento, arrependidos dos seus lamentos dolorosos, fustigavam com brandura as vidraças, acompanhando num ritmo certo e doce a melopeia infantil...

Esperando o sono na fôta cama, ainda o mais novo dos filhos, com grandes mostras de sábio infalível, dizia para o outro:

— Eu não te dizia? Vês como é tão bonito o Papá Natal?!...

H. Sant'Ana de Oliveira.

FUTEBOL

No Campo de Benlhevai realiza-se hoje um encontro entre o Vitória Sport Club e o Gil Vicente, de Barcelos.

Este jôgo, que conta ainda para o Campeonato Distrital, é aquele que teve de ser interrompido por motivo de mau tempo.

Camélias

Beije-as o casto sol de inverno, ou gele-as,
Chorando neve, o temporal do norte,
As túrgidas camélias
Conservam sempre um viço altivo e forte.

Branças, da côr do véu das comungantes,
São asas sem remígio as fôlhas suas,
E, tímidas, brilhantes,
Lembram a carne das crianças nuas!

Branças, de pó-de-arroz, entre a folhagem,
Onde o esqueleto da árvore se perde,
São a mimosa imagem
Dum rosto em flor num agasalho verde.

De copa verde de ogival maneira,
Com florações de estranhos alabastros,
A linda japoneira
É uma abóbada esplendente de astros!...

Desfolhadinhas, dum candor magoado,
As pétalas caindo, num arranco,
São hóstias de noivado
Benzendo a terra e vestindo-a de branco.

Purpúreas, com laivos de centelhas,
Rosadas como faces de mulher,
As camélias vermelhas
São grandes flores a sangrar e a arder!

São farrapos de nuvens, ao sol-pôsto...
Hemoptises do sol morrendo, exangue,
Pelas tardes de Agosto...
Faixas do sol nascendo, envolto em sangue...

Vermelhas, na folhagem verdejante,
Lembram faces febris, que fazem pena,
Dum moço agonizante
Com manchas verde-escuras de gangrena...

Exóticas, esplêndidas, carmineas,
— Risadas altas de joviais gracejos —
As camélias sanguíneas
São lindas bocas tímidas de beijos!...

Emmurchecidas, flácidas, rugosas,
As pétalas caindo, sem querer,
São lágrimas saídas
Da pobre japoneira a envelhecer...

Deixa-as cair! De púrpura ou de neve,
Deixá-las desfolharem-se, deixá-las!...
Teremos, muito em breve,
A japoneira re florida em galas.

Deixai-as cair! — que, quando a terra inteira
Fôr nua e estéril, sob o sol eterno,
De novo a japoneira
Será um oásis na aridez do inverno!...

MARIA AUGUSTA NOGUEIRA.

Farpas

Ano que finda,
esperança que renasce

Sempre que um ano toca o seu termo, novas esperanças se acalantam e renascem com o ano que entra.

O Ano Aureo foi o glorificador de oito séculos de existência da nossa Pátria, lembrando o heroísmo, a bravura e a acção missionária que deu à Nação unidade, disciplina e renome universal. Estes oito séculos decorridos são um exemplo flagrante do que pode um povo que sempre viveu unido aos seus Reis e, por isso, rea-

lizou uma obra tão grandiosa como outra não há.

Só a Espanha, nossa irmã latina, se afoitou também às descobertas de novos mundos. Mas se nós temos ainda, em todos os continentes, padrões do nosso Império, a Espanha quasi ficou limitada às praças de Marrocos tão cheias de recordações do valor dos portugueses.

A incorporação de Portugal na corôa espanhola, durante o periodo de captivoiro, não deu à Espanha benefícios. As duas nações realizaram uma obra admirável, mas quando, cada uma, agiu independente e seguiu as suas possibilidades.

E' que Portugal e a Espanha, unidas por tantos laços que lhes são comuns, são duas na-

ções distintas, assim como o Brasil, unido a Portugal também por tantos laços que são comuns às duas nações, é agora uma nação amiga que, como a Espanha, veio compartilhar da nossa festa centenária.

1940, que está quasi chegado ao seu termo, foi, pois, o Ano Aureo da Pátria.

Porém, para além das nossas fronteiras, povos amigos digladiam-se numa guerra fratricida e cruel. E' o doloroso reverso da medalha. Outros, são já povos vencidos, que trabalham para a sua reabilitação pondo de parte ideologias que lhes foram funestas e que tanto contribuíram para a sua desagregação.

Até, sob êste aspecto, o ano de 1940 constituiu, — para os que tiverem olhos e quiserem ver, — uma tremenda mas nobilitadora lição. Oxalá ela aproveite para que novos e nefastos erros se não pratiquem.

Sob certos aspectos e pondo de lado certos efeitos da guerra que, a pesar de tudo, também nos atingiram, não temos nós, portugueses, razão de queixa do ano que finda.

Vai entrar novo ano, e como a esperança, felizmente, não tem limites, não falta já quem tenha feito os seus projectos, arriscado os seus palpites, manifestado as suas esperanças.

Não podemos nós, também, constituir uma excepção à regra. E por isso esperamos que o Novo Ano estenda ao Mundo dementado aquela Paz que, por graça de Deus, se tem mantido, em momento tão difícil, nesta bela e boa terra portuguesa.

Assim seja, a bem da Humanidade tão sacrificada de dôres, tão saturada de sofrimentos, tão duramente experimentada, para que maior e mais meritório possa ser o seu Resgate.

S. João das Caldas,
ao Andar do Ano Aureo.

X. X.

UMA CARTA

Do nosso ilustre Confrade, Sr. Costa Brochado, recebemos a seguinte carta, dando-lhe, gostosamente, publicidade:

Ao... Sr. Director de o «Notícias de Guimarães»

... Sr. Director
Venho agradecer, na pessoa de V. ..., a amabilidade com que o autor da local ai publicada (a propósito do meu recente artigo, em «A VOZ», sôbre a Maria da Fonte), se referiu à minha pessoa e ao meu modesto estudo.

E venho também, se V. ... mo consente, tentar convencer os meus leitores de que nem sou excessivamente delicado nem muito falho de coragem... Sou, apenas, como o comum das gentes, um individuo que, quando não tem outro remédio, se acomoda às circunstâncias, — vencido, quasi sempre, convencido, quasi nunca...

Que, de entre os Paduanos, atire, Sr. Director, a primeira pedra a aquele que jamais sentiu a necessidade de sacrificar sua coragem às multiplas convenções que o Mundo ergueu em dogmas eternos!

E creia-me, Sr. Director, com a mais subida consideração,

Colega, muito grato,
Costa Brochado.

Lisboa, 26 de Dezembro de 1940.

PLANO da actividade Municipal

O n.º 4.º do art. 77.º do Código Administrativo determina que o Presidente da Câmara elabore, de acordo com a Veracção, o plano anual de actividade Municipal.

No plano de actividade do ano económico corrente, dizimos textualmente o seguinte: «Não temos água, a iluminação pública da cidade é insuficiente, as freguesias rurais estão às escuras, o matadouro municipal e a cadeia comarcã são uma vergonha, os serviços municipais estão mal instalados, os pavimentos das ruas e largos da cidade encontram-se num estado deplorável e o Bairro Operário de Urgezes está incompleto».

Não podiam resolver-se no ano que está a terminar todos estes importantes problemas, embora todos eles merecessem a nossa melhor atenção.

Vejam sumariamente o que fizemos para se fixar o que terá de fazer-se em 1941 e nos anos seguintes, dentro da orientação traçada e já por V. Ex.ª aprovada.

a) O estado de guerra não permitiu que se iniciasse a execução do projecto já elaborado para o abastecimento de água à cidade e outras localidades do concelho.

A dotação consignada para esta obra, no actual orçamento, proveniente do empréstimo e participação do Estado transitada para o orçamento do próximo ano.

b) Melhorou-se consideravelmente a iluminação pública, nas ruas de Santo António, República e n.º 8, e nos largos 28 de Maio, Tournal, S. Francisco, Jardim Público e na vila das Taipas.

Vai agora negociar-se a concessão dos serviços eléctricos em todo o concelho, sem prejuízo das concessões já feitas, por só agora a ex.ª Junta Nacional de Electrificação ter elaborado o respectivo caderno de encargos. É evidente que a Câmara tem de tomar para base do contrato a efectuar as tarifas propostas e mantidas pelos srs. Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, Limitada.

c) Já foi aprovado superiormente o projecto de um novo matadouro que satisfaz completamente as necessidades do nosso mercado. Logo que o Estado participe esta obra, se iniciará a sua execução para a qual também foi contraído um empréstimo na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

d) Já estão em execução as obras de reforma da cadeia comarcã, feitas pelo Estado com a participação da Câmara.

e) Só depois de o Estado apresentar o plano de urbanização da rua dos Palheiros, se poderá tratar da construção de um edifício para a conveniente instalação das Repartições Municipais, aproveitando-se, é claro, o material do que existe em construção.

f) Neste ano pavimentaram-se a paralelepípedos as ruas de Santo António, da República e n.º 8 e os largos 28 de Maio, D. Afonso Henriques, Oliveira e 1.º de Maio, e partes das ruas D. João I, S. Dâmaso, Largo da República do Brasil e Avenida dos Pombais.

g) Está concluído o Bairro Operário de Urgezes, e já se deu principio à obra de abastecimento de águas, para a qual o Estado participou com 31.117.000.

h) A Câmara pediu a participação para várias obras de pavimentação de estradas municipais, a fim de as entre-

para o ano económico de 1941.

gar ao Estado, e de alargamento de caminhos rurais e ainda para a conclusão do mercado municipal.

O plano de actividade para o próximo ano consiste na continuação das obras referidas, e nos subsídios às Juntas de Freguesia para melhoramentos de caminhos, fontes e expediente. Vai criar-se, por absoluta necessidade, o lugar de Proposto do Tesoureiro, com o vencimento anual de 6.000.000, pago em duodécimos.

Não é possível realizar economias.

Do empréstimo de três mil e quinhentos contos, contraído em conta corrente na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, foi levantada a quantia de 1.121.849, gasta em expropriações para o alargamento da rua dos Palheiros e urbanização em volta do Castelo de Guimarães e Paços dos Duques de Bragança e na pavimentação a paralelepípedos da rua de Santo António e largos D. Afonso Henriques e 28 de Maio e Avenida dos Pombais.

O saldo, ou sejam 2.378.151.000 é destinado ao abastecimento de águas à cidade e a outras localidades e à construção do Matadouro Municipal e ainda para pagamento de parte das obras na Avenida dos Pombais.

As bases do aproximado orçamento são as seguintes:

a) Cálculo aproximado das despesas 6.000.000.000.
b) As obras, melhoramentos e outros serviços de interesse para as freguesias, serão feitas directamente pela Câmara ou por intermédio das Juntas com subsídios concedidos pela Câmara.

c) No orçamento vão ser incluídas as seguintes obras de interesse público, assim aproximadamente dotadas:

1.ª — Alargamento do caminho do Alto de S. Simão à vila de Vizela. A participação do Estado foi pedida em 1937. Esta obra é subsidiada pela Junta de Turismo de Vizela. 200.000.000

2.ª — Construção do caminho público desde o lugar do Sub-Carreira à Estrada Municipal n.º 8. A participação foi pedida em 1937. 25.000.000.

3.ª — Pavimentação da E. M. n.º 13, lanço do Pevidém ao limite do concelho, para ser entregue ao Estado. Participação pedida em 1940. 200.000.000.

4.ª — Abastecimento de água à cidade 2.000.000.000.

5.ª — Continuação da pavimentação da Avenida dos Pombais 160.000.000.

6.ª — Abastecimento de água ao Bairro de Urgezes, já participado pelo Estado 65.000.000.

7.ª — Construção do Matadouro. A participação foi pedida em 1940. 400.000.000.

8.ª — Reparação da cadeia, parte da Câmara, 90.000.000.

d) Vai criar-se o lugar de Proposto do Tesoureiro.

e) É impossível a realização de qualquer economia.

f) Vai levantar-se da Caixa Geral, Crédito e Previdência o saldo do empréstimo em conta corrente na importância de 2.378.151.000, destinado à construção do matadouro e abastecimento de águas.

Guimarães, 20 de Dezembro de 1940.

O Presidente da Câmara,
João Rocha dos Santos.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Críticas Pequenas

Antes que o Natal chegasse na sua aurora de bênçãos, apareceu o número comemorativo dos Centenários com que a *Broteria* completou o ano de 1940.

Se o fascículo de Novembro foi uma altíssima comemoração do 4.º Centenário da Companhia, o de Dezembro é bem digna e alevantada Homenagem às Festas Nacionais.

Sempre a *Broteria* em progredir bem forte!

Mesmo na ante-vespera do Natal chegamos a excelsa Revista *Petrus Nonius* com estudos nacionais e estrangeiros a honrar cada vez mais o nosso *Grupo Português da História das Ciências* e a justificar o seu atraso que de facto causava estranheza.

Com os sorrisos do primeiro dia da Oitava do Natal aparece o *Mensageiro de S. Bento* com a sua *Glorificação da Beleza* e o seu *Portugal menino* a homenagear em formosa síntese as Festas Centenárias.

Em Maio e Junho saíram os primeiros números da Revista *Liceus de Portugal*.

Em Outubro aparece a mesma Revista em formato menor, sem dizer de sua justiça.

Entre a colaboração, republica o minucioso camonianista Atilio Rêgo Martins o seu estudo sobre a estância 24 do canto VI dos *Lusiadas*.

Com passos paralelos, demonstra o arguto Professor que nem sempre a contraposição de *esta* e *aquela* significam respectivamente a mais próxima e a mais afastada. E o Doutor José Maria Rodrigues admirou e corroborou o trabalho daquele erudito Investigador.

É de lamentar que a nova Revista liceal não tenha em revisão ortográfica o carinho que era de esperar.

E o nosso *Noticias do Natal*? Em colaboração, mais interessante que o das Festas.

Em impressão, algo nos faz desejar melhor.

G.

SOPA DOS POBRES

A Casa do Povo de Ronfe, com a intenção de alargar a sua acção beneficente até aqueles que, pela sua idade, não podem aproveitar os benefícios que são concedidos aos seus sócios efectivos, vem realizando uma larga obra de assistência, que já tem auxiliado muitos pobres, aos quais agora maiores benefícios lhes vai prestar com o fornecimento da sopa, que começa a funcionar no próximo dia 1 de Janeiro, num edifício que para esse fim foi construído no lindo e pitoresco parque daquela Casa do Povo. Para esse fim vai realizar-se uma grandiosa festa, que por certo vai cair bem fundo no coração de todos aqueles que à mesma tenham a ventura de assistir. A inauguração da Sopa dos Pobres será feita com a máxima solenidade, prestando aquela Casa do Povo nesse dia uma homenagem ao ex.ª Presidente da Câmara Municipal deste concelho, sr. dr. João Rocha dos Santos, pelo auxílio que lhe vem prestando nesta humanitária obra de assistência. Para estas solenidades foram convidados os ex.ªs srs. Governador Civil do Distrito, Presidente da Câmara, Delegado do I. N. do Trabalho, Reverendo Arcipreste, Colectividades, todos os sócios protectores e efectivos daquela Casa do Povo e todo o povo daquela freguesia. Nesta obra de grande alcance social colaboram com a Direcção daquela modelar Casa do Povo as ex.ªs srs.ªs D. Maria Emilia Melo, a gentil menina Manuela Melo, D. Elisa Cunha Guimarães, D. Alea do Céu Ferreira, D. Georgina Gonçalves, D. Rosa Martins, D. Olinda Martins, D. Engrácia Lobo e D. Maria Helena Pinto, que tomaram o encargo da administração e direcção da Sopa dos Pobres, tendo estas gentis e nobres senhoras sido de uma dedicação extrema.

O programa é o seguinte:
Missã Campal às 10,30 horas, no recinto do parque da Casa do Povo. Bênção do edifício da Sopa dos Pobres pelo venerando Arcipreste Monsenhor João Ribeiro.

Sessão Solene no Salão Nobre da Casa do Povo e, a seguir, refeição aos pobres da freguesia.



À MARGEM DA GUERRA

Bateria inglesa da D. C. A.

A artilharia inglesa tem tido larga oportunidade de aperfeiçoar o tiro, pois que os aparelhos inimigos abatidos orçam por uns três mil.

Adeste, Fideles!

O mundo nasceu, materialmente, do caos e deixou-se resvalar de novo, sob o aspecto moral, para o mesmo caos, por causa de a maldade se impôr à virtude, de a matéria comandar o espírito.

A bondade, a mansidão, a justiça, a misericórdia, todos os dons suculentos da alma, quasi morriam asfixiados por entre as ervas daninhas da ambição e da luxúria. E o homem que fôra criado por um acto de amor — odiava; que vivia para adorar — desprezava; que nascera para rei da criação — era o vassallo das apatências da carne.

Os tremedais dos vícios estendem-se por toda a parte e todo aquêl que lá cai afogase nas profundidades lodacentas das suas loucuras.

Assim se perderam anos e gastaram vidas.

Gôzo?! — satisfação dos sentidos que nunca chega a ser completa. Ironia da vida que desaparece à medida que se experimenta como fumo impellido pelo vento. É uma substância doce que faz sede. Acontece como a certas bebidas alcoólicas em que umas chamam as outras e nunca conseguem satisfazer.

Ventura?! — Borbolêta travessa que aadeja por toda a parte mas sempre tão distante que nunca se soube em que reino poisou para restabelecer-se das fadigas. Procura-se mas não se encontra; abandona-se mas ela persegue-nos; tenta-se captá-la e ela ri-se da ingenuidade dos homens. Não há para-raios que a atraia nem armadilha que a prenda. É uma vagabunda que se cansa de estar num só lugar, que aspira à liberdade e que tem por único desporto as corridas vertiginosas.

Alegria?! — Parece que totalmente ninguém ainda a possuiu. Tão depressa brilha, logo se apaga por sopros dum mistério que nunca chega a desvendar-se. É ave de arribação que anda sempre em viagem e pouco tempo se demora no trono duma alma. Suaviza os corações, mas abandona-os inclementemente. E, quando a chuva da desgraça arrasa os campos que fertiliza a sua sombra, tímida, espavorida, foge para nunca mais voltar.

Eis os grandes sonhos que fascinaram sempre todas as vontades. Daí move-se um mar de imundície onde o prazer chafurda libidinosamente.

A impudica Vénus tem altares em toda a parte. O espírito não possui assaz que o elevem e desce às depravações do corpo, com o qual se identifica.

Era necessário que raiasse

uma nova aurora, que uma brilhante estrela norteasse os nautas perdidos, que um Sol esclarecesse as trevas da cegueira mental.

Há mil novecentos e quarenta anos, enquanto uns judeus discutiam nas sinagogas das previsões dos profetas e outros sonhavam com a vinda do prometido Messias, nasceu Jesus, num estábulo de Belém, entre fôlhas abandonadas pelos animais.

Não tivera brocados nem rendas para o berço, improvisado naquele momento, nem uma côrte pomposa que esperasse a hora do nascimento. A Sua humildade contrastava com o orgulho do povo. Não acreditavam que o seu Rei fosse diferente de todos os outros.

A vaidade cega e o vício corrompe. O justo não pode ser justo aos olhos dum vagabundo nem um puro ser puro aos olhos dum devasso. Tudo se apresenta a cada um conforme a sua existência.

Por isso, Jesus não podia passar por rei perante aqueles corações empedernidos que a descrença começava a minar. Esperavam-nô majestoso e Êle aparecera pobre. Julgavam-nô forte e viam-nô tímido, na mangedoura dos animais. Aguardavam um guerreiro a ajudar que marchasse à frente do povo de Israel para derrotar com a sua espada todos os impérios que o haviam maltratado, e Êle nasceu tão humilde que nem sequer uma esperança se poderia alimentar.

Fôra tão vaidoso que ninguém viera ali anunciar a Sua chegada a pesar de os próprios judeus arderem em desejo de que se aproximasse tão faustoso dia. Até as aves dormiam, sossegadas, nas tocas das árvores.

Ao longe, Roma definhava-se em desregrantes bacanais. O gôzo era o seu deus e as orgias o meio de o alcançar.

Entretanto, Jesus tremia. Com certeza não era de frio mas de repugnância que os vícios causavam ao seu corpo divino. E chorava. Este chôro não devia de ser os vagidos que se desentranham de todos os entes recém-nascidos mas, certamente, a compaixão por aquêles que desprezaram as leis de Seu Pai.

Não trouxera espadas nem lanças, porque vinha conquistar almas e não reinos. Não nasceu rico e majestoso, porque quis prègar com o exemplo antes de prègar com palavras. E a sua bondade, doçura e mansidão focam os maiores prodígios que apareceram no mundo.

Pôrto, Natal de 1940.

Ferreira Tôrres.

Atenção à quarta página

Vida Associativa

Associação Artística Vimaranesa

Os Corpos Gerentes para o ano de 1941, eleitos últimamente, ficaram assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Manuel Magalhães; 1.º Secretário, José Pereira Gonçalves; idem 2.º, Domingos Ribeiro Martins.

SUBSTITUTOS

Presidente, António Fernandes; 1.º Secretário, Sebastião Mendes; idem 2.º, Francisco Gomes Alves Ferreira.

DIRECÇÃO

Presidente, José da Costa Pacheco; 1.º Secretário, Abano Teixeira Bastos; Tesoureiro, Belmiro dos Santos Martins; Vogais: Francisco Marinho, Manuel Alves Machado, João Pereira e António Pereira.

SUBSTITUTOS

Presidente, Domingos Alves Machado; Secretário, José Teixeira Guimarães; Tesoureiro, António Fernandes; Vogais: José Ferreira Mendes, João Pereira da Silva, José Mendes e Benjamin de Melo.

CONSELHO FISCAL

Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, Domingos Duarte e Avelino Ferreira Meireles.

SUBSTITUTOS

Avelino Faria Guimarães, Salvador Maria de Araújo Dantas e Adelino Joaquim Neves.

Associação Fúnebre F. O. Vimaranesa

Em eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1941, realizada no passado domingo, foram eleitos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Manuel Gomes de Oliveira; 1.º Secretário, José da Rocha; idem 2.º, José Gonçalves.

DIRECÇÃO (Efectivos)

Presidente, José de Melo Soares; Secretário, João da Silva; Tesoureiro, Joaquim António da Cunha Machado; Vogais: João da Costa, Alfredo Dias da Fonseca, Alcino de Oliveira Salgado e António da Costa Pacheco.

Suplentes

Presidente, Manuel Machado; Secretário, Inácio Ferreira da Costa; Tesoureiro, José Francisco Carneiro; Directores: Augusto Barros, António de Freitas, José Dias Pereira e Armando Maria Fernandes.

CONSELHO FISCAL (Efectivos)

Manuel Cardoso, Domingos António Leite de Freitas e António das Neves Saraiva.

Suplentes

José Garcia, José da Silva Andrade e Mário Gomes Alves.

Pensão

"Luzes do Minho,"

Esta acreditada PENSAO que, pela forma como vem servindo os seus estimados fregueses, está, dia a dia, conquistando uma bem justa e reputada fama, fornece, de hoje em diante, almoços populares, a preços de réclame, desde 5 a 10\$00, com vinhos escolhidos.

Pensões mensais externas ou internas a preços verdadeiramente accessíveis.

Visitem pois a PENSAO «LUZES DO MINHO», ao Largo 28 de Maio, 77, em frente ao Jardim Público.

O NATAL DOS NOSSOS POBREZINHOS

Transporte	4.432\$00
D. Luísa de Araújo Gomes Guimarães	20\$00
Francisco Manuel Teixeira Duarte, sufragando a alma de D. Armandina Teixeira Mendes	5\$00
Clemente Rezende e Sousa	10\$00
Constantino Santoalha	5\$00
Augusto Joaquim da Silva	20\$00
Gaspar Lopes Martins	50\$00
Amaro Lopes Martins (Santos)	50\$00
D. Júlia Teixeira de Aguiar	5\$00
Manuel Joaquim Pereira Carvalho	5\$00
Adriano Dias (Cruz d'Argola)	5\$00
Alberto Gomes Alves	16\$80
José Teixeira	2\$50
José Maria de Almeida	30\$00
P.º Luís Gonzaga da Fonseca	10\$00
Vasco Burmester Martins (Foz do Douro)	20\$00
José Maria Nunes	10\$00
Anónimo	10\$00
João de Araújo	5\$00
Júlio António Cardoso (Lamego)	20\$00
José Mendes de Oliveira	10\$00
António Lopes	2\$50
Eduardo Torcato Ribeiro	20\$00
José Joaquim Pinto dos Santos (Pórtio)	20\$00
Anónimo por alma de sua mãe e irmão	10\$00
Um sacerdote	10\$00
Anónimo	2\$50
José Faria Martins	20\$00
Rodrigo Pimenta	10\$00
Américo Ferreira	5\$00
Domingos Freiria	2\$50
Anónimo	5\$00
Abel de Oliveira Bastos & Irmão	10\$00
Domingos Lopes de Barros	5\$00
António Miguel Rodrigues de Oliveira	2\$50
Anónimo	10\$00
Adolfo Esteves	5\$00
Sindicato N. da Indústria Têxtil	20\$00
P.º António Teixeira de Carvalho	5\$00
Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes	5\$00
Jacinto Guimarães, para 4 viúvas, com a obrigação de ouvirem uma missa	20\$00
Adelino Ribeiro de Abreu	20\$00
Amadeu da Costa Carvalho	20\$00
Edmundo Hermes Ribeiro	5\$00
E. J.	10\$00
Dr. Raúl Alves da Cunha	20\$00
D. Ranfe — Vila Nova de Gaia	5\$00
Visconde Paço Nespereira (Braga)	20\$00
Manuel Fernandes Pórtio	50\$00
Francisco Abreu	2\$50
Paulo Ribeiro da Silva	5\$00
A Transportar	5.088\$80

O donativo que no número passado saiu com o nome da sr.ª D. Maria Adelaide Vilas, devia ter saído com o nome da sr.ª D. Maria José Ribeiro Vilas Soares.

Nota: No próximo número publicaremos o resto da relação dos subscritores para o Natal dos nossos Pobreziños.

da cidade

Diversas Notícias

Boas-Festas

Tiveram a gentileza de nos apresentar cumprimentos de boas festas mais os seguintes nossos prezados amigos srs.: Comandante Carvalho Crato, ilustre presidente da Junta de Turismo das Saipas; Major Sousa Guerra, de Lisboa; Dr. Raúl Alves da Cunha, ilustre Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo; Visconde Paço de Nespereira, de Braga; Delfim de Guimarães, nosso ilustre colaborador; António de Freitas Soares, do Pórtio; Dr. Manuel Ferreira da Costa, ilustre Professor Liceal, de Coimbra; Dr. António do Amaral; Joaquina de Freitas & Filho, de Vizela; Aliança Charadística da Invicta, do Pórtio; Pintor Abel Cardoso, Joaquim Ferreira da Conceição Tórres, funcionário superior do Banco N. Ultramarino, do Pórtio; Sociedade Charadística Setubalense, de Setúbal; Aníbal Rodrigues Crrvalho das Neves, de Sobral de Monte-Agraço; Jornalista Costa Brochado, de Lisboa; Altinino Gonçalves, de Lisboa; Capitão Henrique Galvão, de Lisboa; José Dias de Castro; Cândido Ribeiro Capela, nosso solícito correspondente nas Taipas; António Vilaça, do Pórtio, nosso distinto colaborador; Manuel Ruivo, do Pórtio, e Pedro Duarte Saúde, de Beja.

Também se dignou apresentar-nos cumprimentos de boas festas o ilustre Adido de Imprensa Britânico, de Lisboa.

A todos o «Notícias de Guimarães» agradece reconhecido e retribue com os melhores votos de muitas prosperidades.

Lactário Municipal

No passado dia 22 procedeu-se, com a costumada solenidade, numa dependência da Casa dos Pobres, à distribuição da consoada aos bebés do Lactário, tendo presidido o fundador de tão benemerita instituição beneficente, o distinto clínico e vereador municipal sr. dr. José Maria de Castro Ferreira que, em prol do mesmo Lactário e com o valioso auxílio dos srs. dr. João Rocha dos Santos, ilustre presidente da Câmara; António José Pereira de Lima, João Pereira Mendes, Pedro da Silva Freitas e outras individualidades, muito tem trabalhado, sendo merecedor, por isso, dos maiores louvores.

A dedicada enfermeira visitadora, sr.ª D. Maria Carolina Catela Ferreira da Conceição, fez a distribuição da consoada, sendo contempladas 52 crianças com enxovais que se compunham de: 2 camisas, 2 chameiros, 2 cobertores, 1 vestido e uma baba.

Oxalá que a ação do Lactário continue a desenvolver-se e que, para o seu melhor complemento se pense na protecção à infância antes do nascimento.

De esperar é que, mais tarde ou mais cedo, este alvitre que nos é sugerido por pessoa amiga, venha a ter o melhor acolhimento na nossa Terra.

Bôdo do Natal do Sindicato da Indústria Têxtil

Como tínhamos anunciado, realizou-se no dia 22, na Sêde do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, à Rua de Alcobaca, 15, a distribuição da consoada aos sócios desempregados, aos inválidos e aos doentes, acto que decorreu com a maior satisfação por parte daqueles, e de forma a serem tecidos os maiores louvores à Direcção que tão inteligentemente preside a este Organismo Corporativo.

Foram muitos os lares beneficiados, lares estes onde falta o conforto, para poderem ter um Natal, não diremos feliz, mas, pelo menos, com alguma satisfação, aliás justa para todos os trabalhadores, conforme a Doutrina do Estado Novo.

E' de louvar tal iniciativa e bem assim a Direcção do Sindicato Têxtil que está de parabéns pela obra de Assistência que vem desenvolvendo.

Taxa militar

Desde o dia 1 de Janeiro até ao dia 28 de Fevereiro, encontra-se em pagamento, na Câmara Municipal, a taxa militar.

Albergue de S. Crispim

A Ceia dos Pobres, no Albergue de S. Crispim, festa que data já de há muitas centenas de anos, efectuou-se com muito brilho, tendo ali accorrido numerosas pessoas a presenciar o belo quadro de benemerência da gente boa de Guimarães. Ali compareceram 512 pobreziños, aos quais foram servidas mais de 1.200 abundantes refeições. Aos presos da cadeia, foi servida, também a Ceia do Natal.

A Ceia durou até cerca das 2 horas da madrugada de quinta-feira, tendo predominado, sempre, a maior alegria.

Na Capela de S. Crispim foi celebrada uma missa por intenção dos benfeitores da Ceia do Natal.



JOSE DE MELLO & CIA

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,
IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
{ e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabricantes
e Negociantes estrangeiros e nacionais

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Maria Margarida Costa

Vitimada por uma síncope cardíaca, faleceu, inesperadamente, ao princípio da tarde de quarta feira passada, na sua residência, à rua de Santo António, a senhora D. Maria Margarida Costa, viúva do saudoso vimaranense e prestante 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, sr. Simão da Costa Guimarães.

A brutal notícia, que logo circulou pela cidade, causou muita consternação, pois a bondosa senhora, que possuía excelentes predicados, era muito conhecida e estimada no nosso meio.

Contava 80 anos e era extrema mãe da senhora D. Maria Amélia Costa Ferreira, casada com o importante industrial em Riba d'Ave, sr. Alfredo Ferreira, e dos nossos prezados amigos e também importantes industriais srs. Alberto Costa e Afonso da Costa Guimarães.

A saudosa extinta era irmã do também nosso prezado amigo e distinto professor das Escolas de S. Francisco, sr. José Maria Félix, cunhada do nosso bom amigo e estimado capitalista, sr. Francisco de Assis Costa Guimarães, e aparentada ainda com os nossos prezados amigos srs. Amadeu da Costa Carvalho e António da Costa Guimarães, e com a esposa do também nosso bom amigo sr. José Jacinto Júnior, assim como com a viúva do saudoso clínico vimaranense, sr. Dr. Fernando Gilberto Pereira.

O seu funeral, que constituiu uma grandiosa manifestação de pesar, efectuou-se ante-ontem, às 11 horas, no vasto templo da V. O. T. de S. Francisco, que se via repleto de pessoas de todas as camadas sociais, Bombeiros Voluntários, instituições beneficentes, colectividades civis e religiosas, pessoal da Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro, etc., assim como, entre muitas outras individualidades, de que nos foi impossível tomar nota, a Câmara Municipal, I.legião e Mocidade Portuguesa, representantes do Grémio do Comércio de Guimarães, dos Sindicatos, Direcção da Sociedade Martins Sarmento, mesas da V. O. T. de S. Francisco, da Irmandade dos Santos Passos e de outras instituições religiosas, academia, etc., etc.

O cadáver achava-se encerrado em luxuosa urna de mogno, e foi, após as cerimónias fúnebres, trasladado para o Cemitério Municipal, com numeroso acompanhamento, onde cou inhumado em jazigo de família.

A chave do caixão foi entregue ao genro da extinta, sr. Alfredo Ferreira.

A urna que encerrava os restos mortais da saudosa senhora foi conduzida, da igreja até ao pronto socorro, pelos seus filhos, genro e neto.

De diversos pontos do país vieram muitas pessoas tomar parte nas homenagens fúnebres, tendo-se vindo associar às mesmas, também, os Bombeiros Voluntários e a banda de Riba d'Ave, pessoal das fábricas daquela localidade, etc., etc.

No préstito fúnebre que acompanhou o cadáver ao Cemitério Municipal, incorporaram-se 96 carros, entre os quais, algumas viaturas dos B. V. de Guimarães.

Os srs. Governador Civil do Distrito e dr. João Rocha dos Santos foram representados no funeral pelo nosso prezado amigo sr. Tomaz Rocha dos Santos.

A toda a família enlutada e de um modo especial aos filhos da saudosa senhora apresentamos as nossas sentidas condolências.

Com 67 anos de idade finou-se ontem, na sua residência à Rua da Liberdade, o antigo industrial sr. Domingos da Costa Rainha, casado. Pêsames à família enlutada.

António José Ribeiro de Abreu

Na sua Casa do Assento, freguesia de Fermentôes, finou-se na passada quinta-feira o estimado proprietário sr. António José Ribeiro de Abreu, que ali era muito estimado, motivo

TEATRO JORDÃO

HOJE, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS:

Uma atraente comédia com muita e lindíssima música

HOLLYWOOD HOTEL

interpretada por Rosemary Lane e Dick Powel.

QUARTA-FEIRA, 1.º DE JANEIRO:

PIEDOSA MENTIRA

com Edwigo Feuillère e Georges Rigaud.

QUINTA-FEIRA, 2.º

O LEÃO DOS MARES

com imagens autênticas da guerra actual.

porque a sua morte causou bastante consternação.

O seu funeral ontem realizado na igreja paroquial da mesma freguesia teve numerosa e selecta assistência, constituindo uma significativa manifestação de saúde.

A toda a família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Boletim Elegante

Casamento

No passado dia 22, efectuou-se, com toda a solenidade, na igreja paroquial de S. Jorge de Arcoios, em Lisboa, o casamento do distinto Aspirante de Infantaria, sr. Henrique Alberto de Sousa Guerra, filho do nosso prezado amigo e distinto oficial do Exército, sr. Major Henrique Alberto de Sousa Guerra, com a gentil senhora D. Irene Gabriela dos Santos, preñada filha do Engenheiro Maquinista Naval, sr. José Lopes dos Santos.

Foram padrinhos, por parte do noivo, o nosso prezado amigo e distinto Coronel do Estado Maior do Exército, sr. José Filipe de Barros Rodrigues e sua esposa, e por parte da noiva, seu pai e uma tia.

Após o acto religioso foi servido aos noivos e seus convidados um primoroso copo de água, que deu motivo à troca de muitos brindes, tendo os noivos partido, em seguida, de automóvel, em viagem de núpcias por diversas terras do país.

Aos noivos deseja o «Notícias de Guimarães», as maiores felicidades.

Doentes

Têm passado doentes os nossos prezados amigos srs. Fernando Lage Jordão, Belmiro Lage Jordão e José de Sousa Lima.

Têm estado doente o nosso prezado amigo sr. Carlos Teixeira Pinto. Desejamos-lhes as mais breves melhoras.

Partidas e chegadas

Passar as festas do Natal, vimos nesta cidade os nossos prezados amigos srs. drs. Joaquim Roberto de Carvalho, Gabriel Teixeira de Faria, Serafim Ferreira de Oliveira, e Lino Teixeira de Carvalho, Francisco Teixeira de Carvalho, Augusto Sampaio Mendes da Cunha e António José Ribeiro.

Presépio do Natal

Por iniciativa dos organismos concelhios da Acção Católica Portuguesa foi executado, sob a direcção artística do ex.º sr. capitão Duarte Fraga, um encantador Presépio, que se acha exposto num dos salões da V. O. T. de São Domingos.

O sr. capitão Fraga soube animar, com invulgar habilidade e sentido artístico, as cenas e episódios do nascimento do Salvador, tornando o Presépio um quadro cheio de beleza, capaz de alegrar os olhos de grandes e de pequeninos.

E' de louvar a iniciativa da A. C. P. por fazer reviver, numa realização tão

interessante, a tradição portuguesa dos presépios.

Os donativos destinam-se à colocação, em Guimarães, de uma lápide com a imagem de Nossa Senhora da Conceição, e habilitam à aquisição de valiosas prendas, que serão sorteadas em 6 de Janeiro de 1941.

O presépio encontrar-se-á à exposição nos dias 29 de Dezembro de 1940, 1, 5 e 6 de Janeiro de 1941.

Vende-se

quinta, pagando 4 carros de medidas e uma propriedade anexa, produzindo excelente vinho tinto e branco e muita fruta. Optimo local e água à porta. Distância das Taipas apenas 200 metros. Para ver e tratar com o seu proprietário Cândido Ribeiro Capela.

Quarto

Mobilado, aluga-se. Informa esta Redacção. 278

TERRENO PARA CONSTRUÇÕES

VENDE-SE
na Avenida dos Pombais

ao nível da Avenida, em talhões voltados a nascente, nas melhores condições.

Falar a AUGUSTO DE AGUIAR
R. Dr. José Sampaio, 29
GUIMARÃIS 252

VENDE-SE

1 Mobília modesta de sala de estar composta de um sofá, dois fauteuils e quatro cadeiras estofadas; 2 fogões modernos e em bom estado, sendo um com estufa, e uma banheira em chapa zincada e também em bom uso.

Informa-se nesta Redacção. 251

Chegou o inverno

Comprem agasalhos baratos, polouers, blusas, camisolas, casacos, lãs em fio.

Meias e peúgas de lã. Sapatos de agasalho para homem e senhora desde 7\$50.

Galochas, botas altas de borracha.

O maior sortido e o mais barato.

228 **CAMISARIA MARTINS**

A CASA DAS MEIAS.

O amor à Terra e à Grei

— eis o nosso lema.

Vêr a nossa 4.ª página.



Não compre um chapéu anónimo...
Compre... um

"PALMARES,"

a grande marca portuguesa.

Vendedores em Guimarães:
DIAS & CARVALHO
CASA DAS GRAVATAS
TELEFONE 188

Perfume delicioso
Voluptuoso como o amor
Persistente como a saúde

Água de Colónia
"FLORES DE MAIO"

As pessoas da mais distinta sociedade a elegem e preferem. Use Colónia Flores de Maio no lenço, nas mãos, no colo... quando fôr ao baile, ao teatro ou ao cinema.

Sabonetes "Flores de Maio" Produz suave e abundante espuma	3\$50
Rouge "Flores de Maio" Macio como uma pluma	5\$00
Pó de arroz "Flores de Maio" Aderente, conserva-se todo o dia	2\$50
Brihantina "Flores de Maio" Dá brilho e perfume	8\$00

Preços: 1\$50, 3\$, 10\$, 18\$, 30\$ e 60\$

Água de Colónia "FLORES DE MAIO"

Compre um pequeno frasco e não resistirá a comprar um maior.

Só se vende nos bons estabelecimentos.



EDITAL

DOUTOR AMÉRICO DE OLIVEIRA DURÃO, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal e Recenseador Eleitoral do Concelho de Guimarães

FAÇO SABER, nos termos e para os efeitos do n.º 1.º do art.º 8.º do Decreto-lei n.º 23.406, de 27 de Dezembro de 1933, que no próximo dia 2 de Janeiro tem início as operações para organização do recenseamento político do próximo ano.

Assim, pelo presente, convido os indivíduos de ambos os sexos com capacidade eleitoral nos termos do referido Decreto, a inscreverem-se como eleitores, desde 2 de Janeiro a 15 de Março.

Para a inscrição deve-se ter em vista os seguintes preceitos

1.º — São eleitores da Assembleia Nacional e do Presidente da República:

I — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição;

II — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, domiciliados no concelho há mais de seis meses, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos, a um ou a outros, quantia não inferior a 100\$ por todos, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional, imposto sobre aplicação de capitais.

NOTA — A qualidade de contribuinte prova-se pela inclusão no mapa enviado das Repartições de Finanças ou pela exibição dos conhecimentos que a comissão eleitoral da freguesia averbará no processo ou verbete do interessado.

III — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com curso especial, secundário ou superior, comprovado pelo diploma respectivo, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição.

NOTA — Estas habilitações provam-se pela exibição do diploma do curso, da certidão ou da pública-forma respectiva perante a comissão referida.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diploma de qualquer exame público, feita perante a citada comissão;

b) — Por requerimento escrito, e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão aludida ou algum dos seus membros, desde que assim seja atestado no requerimento e autenticado com o selo branco ou a tinta de óleo da Junta.

NOTA — A inclusão dos indivíduos nas relações dos chefes das repartições ou serviços públicos civis, militares ou militarizados, com indicação de saberem ler e escrever, é prova bastante para efeitos de recenseamento.

2.º — Não podem ser inscritos:

I — Os que receberem algum subsídio da assistência pública ou da beneficência particular e especialmente os que estenderem a mão à caridade;

II — Os pronunciados por qualquer crime com trânsito em julgado;

III — Os interditos da administração de sua pessoa e bens, por sentença com trânsito em julgado, os falidos não rehabilitados e, em geral, todos os que não estiverem no gozo dos seus direitos civis e políticos;

IV — Os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença.

3.º — As relações dos eleitores a inscrever são organizadas pelas comissões eleitorais das freguesias, compostas pelo Regedor, presidente da Junta e por um delegado da autoridade administrativa do concelho, e é perante elas que os indivíduos devem fazer a sua inscrição.

4.º — Até 10 de Abril, os cidadãos podem verificar em cada concelho ou bairro se vão incluídos nas rela-

ções referidas no número anterior e reclamar perante a respectiva comissão do concelho do recenseamento, a sua inscrição como eleitores.

NOTA — Para efeito de reclamação, os interessados, de 11 a 15 de Maio, podem examinar as cópias dos recenseamentos originais afixados à porta da Secretaria da Câmara Municipal.

As reclamações, que não podem dizer respeito a mais do que um cidadão, serão interpostas para os auditores administrativos até ao dia 20 de Maio e terão por objecto:

a) — Eliminação no recenseamento dos cidadãos indevidamente inscritos;

b) — Inscrição dos cidadãos que, tendo requerido a sua inscrição ou devendo ser inscritos oficiosamente, deixarem de o ser.

5.º — Os diplomas, certidões e públicas-formas e demais documentos necessários à inscrição dos cidadãos nos cadernos eleitorais e à instrução das reclamações, serão obrigatória e gratuitamente passados em papel sem selo, dentro dos prazos marcados no citado Decreto-lei, mediante pedido verbal dos próprios interessados, incorrendo as entidades que demorarem ou não entregarem tais documentos, nas penalidades correspondentes ao crime de desobediência qualificada.

6.º — Em tudo que não fôr expressamente regulado no citado Decreto-lei, vigorará, na parte aplicável, a legislação vigente.

Na Secretaria da Câmara Municipal e nas sedes das Juntas de Freguesia, onde funcionam as Comissões Eleitorais, dão-se os esclarecimentos necessários e, para geral conhecimento, publico o presente edital, que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho, 28 de Dezembro de 1940.

Américo de Oliveira Durão.

QUADRO DAS OPERAÇÕES DO RECENSEAMENTO ELEITORAL

a) Seu início — 2 de Janeiro;
b) Afixação dos editais — até cinco dias antes do início das operações;

c) Ofícios com indicações aos presidentes das Juntas de freguesia, aos regedores e aos funcionários do registo civil — enviados de forma a serem recebidos até 7 de Janeiro;

d) Período para os funcionários mencionados da alínea antecedente fornecerem os elementos solicitados — cinquenta e dois ou cinquenta e três dias, desde 9 de Janeiro ao último dia de Fevereiro;

e) Período para os chefes de repartições e de serviços enviarem as relações dos respectivos funcionários com direito de voto e para os chefes das repartições de finanças remeterem as relações dos cidadãos nas condições do n.º 4.º do artigo 2.º — cinquenta e oito ou cinquenta e nove dias, desde 2 de Janeiro ao último dia de Fevereiro;

f) Período para os cidadãos que se julgarem com direito de voto promoverem, perante as comissões eleitorais das freguesias a sua inscrição no recenseamento — setenta e três ou setenta e quatro dias, desde 2 de Janeiro a 15 de Março;

g) Período para as comissões citadas na alínea antecedente entregarem os seus trabalhos — oitenta e três ou oitenta e quatro dias, desde 8 de Janeiro a 31 de Março;

h) Período para os cidadãos e entidades referidas na alínea f) verificarem se estão inscritos e reclamarem, em caso negativo, a sua inscrição junto das comissões concelhias — dez dias, desde 1 a 10 de Abril;

i) Período para a organização do recenseamento pelas comissões referidas na alínea antecedente — trinta dias, desde 11 de Abril a 10 de Maio;

j) Período em que o recenseamento deve estar afixado para efeitos de reclamações — cinco dias, desde 11 a 16 de Maio;

k) Período para a interposição das reclamações — cinco dias, desde 16 a 20 de Maio;

l) Período para os auditores proferirem as sentenças — onze dias, desde 21 a 31 de Maio;

m) Período para as mesmas sentenças serem comunicadas aos funcionários recenseadores — dois dias, desde 1 a 2 de Junho;

n) Período para a efectivação das alterações resultantes das sentenças — seis dias, desde 3 a 8 de Junho;

o) Remessa das cópias aos presidentes das Câmaras Municipais — vinte e dois dias, desde 9 a 30 de Junho;

p) Remessa das cópias à Direcção Geral da Administração Política e Civil e aos governos civis — cinquenta e três dias, desde 9 de Junho a 31 de Julho.

MODÉLO PARA O REQUERIMENTO

(EM PAPEL COMUM)

F ... (estado), de ... anos de idade, ... (profissão) residente em ..., freguesia de ..., deste concelho, RESIDINDO NA MESMA FREGUESIA HÁ MAIS DE SEIS MESES, COMO PROVA COM ATESTADO DO REGEDOR QUE JUNTA ou RESIDENTE NA MESMA FREGUESIA DESDE 2 DE JANEIRO DESTES ANO (se fôr funcionário) requere a sua inscrição no recenseamento para a eleição de ..., com o fundamento de ..., o que tudo prova com os documentos que JUNTA ou EXIBE.

Data, assinatura e autenticação pela comissão recenseadora ou por algum dos seus membros quando o requerimento tenha sido escrito, lido e assinado pelo próprio, perante este ou aquela. Quando a prova de saber ler e escrever seja feita por meio de requerimento autenticado por notário, deve o reconhecimento abranger a letra e assinatura.

NOTAS — Documentos necessários: — certidão de idade ou bilhete de identidade, diploma de qualquer, ensino público e atestado de residência.